

Ainda a nível das classes dominantes, sugem sinais de descontentamento no interior das próprias oligarquias regionais, em face das cessões feitas pelo governo federal aos cafeicultores, que, em defesa de seus interesses, atribuem um caráter nacional ao problema do café, garantindo seus direitos através de uma política de socialização de perdas. Isso vai fazer com que as oligarquias regionais se unam em oposição a um sistema que, em nível nacional, reproduzia a política externa dos países economicamente avançados em relação aos países de economia periférica.

No que diz respeito às classes médias, apesar dos descontentamentos provocados pelas altas constantes do custo de vida e das condições desfavoráveis de habitação, o fato de constituir-se uma classe extremamente dependente das classes dominantes faz com que os conflitos se mantenham no campo da oposição, sem constituir um projeto político autônomo.

O caráter de dependência das classes médias em relação às classes dominantes se explica, segundo Paulo Sérgio Pinheiro, pela própria natureza de sua constituição, extremamente heterogênea e pela debilidade do ponto de vista ideológico. As classes médias, encontram-se neste momento em fase de expansão. Esta expansão se acentua a partir dos anos 14, "em virtude da intensificação do processo de urbanização e a consequente expansão do comércio nos centros mais importantes do país; do crescimento das pequenas indústrias e do desenvolvimento do setor público do Estado". (5) Estes fatores condicionam a natureza das novas frações das classes médias, até então formada por elementos ligados ao pequeno comércio e a pequena indústria. (*)

(*) Paulo Sérgio Pinheiro estabelece distinção entre os antigos elementos que constituíam a classe média brasileira e os novos elementos que

Delas fazem parte "trabalhadores assalariados ligados à espera da civilização do capital e àqueles que contribuem para a realização da mais valia: empregados assalariados do comércio, dos bancos, das agências de venda, e os empregados de 'serviços' como os funcionários do Estado", incluindo nesta categoria, os funcionários do aparelho público (serviços públicos) e do aparelho ideológico do Estado (comunicações, imprensa, educação, etc.).

Essas novas frações dependem da classe dominante para a sua sobrevivência e, até mesmo para a manutenção de sua posição na estrutura social. (*) A dependência do campo econômico associada às formas de cooptação utilizadas pelas oligarquias no poder, vão tornar estes grupos bastante débeis do ponto de vista ideológico. As classes médias se identificam com os valores pertencentes ao universo ideológico das classes dominantes e aspiram suas formas de vida como um meio de superação de suas condições de classe, o que explica, em parte, as lutas pelo acesso à escola (**) e a ânsia pelo diploma de bacharel. Esta dependência em relação às classes dominantes faz com que as classes médias raramente se identifiquem com as lutas do operariado e, mais ainda, determina a natureza de sua atuação no campo político. Neste campo, suas oposições à classe dominante

ela se incorporaram neste período, denominando antigas classes médias, às frações constituídas por elementos ligados ao pequeno comércio e à pequena indústria. E novas classes médias aos elementos ligados ao setor terciário, que surgem em função do avanço do modelo agrário-exportador urbano. PINHEIRO, Paulo Sérgio: "Classes Médias Urbanas: Formação, Natureza, Intervenção na vida política", in Boris Fausto, História Geral da Civilização Brasileira, t. III, vol. 2, p. 16.

(*) Para os funcionários do aparelho de Estado, por exemplo, era fundamental o apoio das oligarquias não só para o ingresso na burocracia estatal, mas para a manutenção e as promoções em suas carreiras. Este fato, dava aos elementos das oligarquias grande poder de barganha junto a estas frações.

(**) Voltaremos a este ponto no final do capítulo.